

“É necessário sepultá-lo”, disse Giuseppe Coro. “No lugar que mencionaste, à margem do rio. Em um gramado, embaixo de uma árvore.”

“Sim”, disse o espírito da casa. “Sem dúvida ele gostaria que assim fosse.”

A Bela dos Espelhos

Autor: Mario Tobino

Tradução: Janisa Scomazzon Antoniazzi¹

Orientação: Profª Susana Termignoni

Lucida Mansi ficou viúva aos 22 anos. Tinha olhos muito negros que acrescentavam algo de irrefreável à perfeição oval do rosto. Para celebrar a morte do marido, vestida de luto fechado, foi vista na igreja com mais frequência, e a cor da roupa a tornava ainda mais esbelta, o âmbar da pele sobressaía mais delicado, os cabelos brilhantes de corvo surgiam entre a desordem dos véus. Sabia que era bonita, mas naqueles primeiros dias, pela curiosidade que despertava, pelos homens que a olhavam com mais liberdade, pela nova condição de riquíssima proprietária, olhou-se com mais atenção e extasiou-se consigo mesma: uma alegria, como uma lufada de vento, lhe sorriu no ânimo; e começou a flertar com os espelhos.

Em 1600, o século em que Lucida viveu, os ouros, os veludos, as sedas, os estuques, os macios cordões coloridos convidavam a adorar a carne. A vila de Lucida estava situada na colina que vê o Serchio estender-se pela ampla planície que o embala até o mar. Na margem esquerda resplandecia, e ainda fervilha, a cidade de Lucca, extraordinária pela sua sagacidade no comércio, confinada nos muros, densa de torres e igrejas.

Os salões da vila de Lucida sucediam-se violeta e damasco; os candelabros túrgidos de cristais, quando começava o calor, e os criados abriam as grandes janelas, tiniam com uma música infantil. Mas em seu quarto, depois da morte do marido, Lucida povoou as paredes com o seu novo amor: espelhos de todas as formas e tamanhos, limpidíssimos, olharam de todos os lados e o mais fiel foi colocado acima da cama para substituir o teto do baldaquino, de tal forma que Lucida, deitada, as roupas não mais necessárias, nele se contemplava e, das paredes, os outros espelhos roubavam o que podiam e se, pelos movimentos, certas belezas se escondiam, outras surgiam.

Na primavera os belos braços moveram-se nus, Lucida chamou para a vila o primeiro amante, ao qual seguiu-se um segundo e o primeiro disse palavras desesperadas, e Lucida, sorrindo, convidou os criados a afastá-lo.

¹ Bacharel em Inglês/ Português pelo Instituto de Letras da UFRGS. Atualmente aluna do Curso de Bacharelado em Letras – Português/ Italiano.

Lucca já formigava com rumores a seu respeito, como se previsse o futuro: que aquela mulher fosse o emblema da sua cobiça, sem, contudo, ser acompanhada pela grave ânsia do pecado.

Em 1600, os frades, os conventos, as cerimônias sagradas, o incenso, as monjas, as funções ordinárias e extraordinárias eram numerosas e intensas.

Lucida também, ao entrar na igreja, ungia os dedos na água benta, fazia o sinal da cruz, ajoelhava-se, elevando os longos cílios à Nossa Senhora e, afastando-se o povo à sua passagem, dirigia-se à poltrona da família pouco distante do altar maior. Devota, seguia o rito da missa segurando com as duas mãos o livro negro, mas quando tocava a primeira sineta, no Sanctus, uma luz alegre a iluminava e ela começava a folhear as páginas negras e, quando sentia com o dedo que faltava somente uma, detinha as mãos à espera, e na sineta da Consagração, enquanto a multidão em temente reverência inclinava a testa para o chão, enquanto todos curvavam-se como se quisessem esconder o corpo, de modo que somente a alma adorasse, Lucida abria o seu tabernáculo, descobria o espelho que substituíra uma das páginas do livro e, inebriada, admirava-se.

Noivas e mães choraram; Lucida já havia providenciado o alçapão, ela mesma havia ordenado e controlado os trabalhos; o ágil mecanismo, que devia ser tocado para que o pavimento se abrisse no vazio, era um frívolo enfeite escondido atrás de uma cortina; lá embaixo as lâminas novas pareciam rir à espera.

Em 1600, o dinheiro e a glória da estirpe eram uma lei inviolável. Geralmente a beleza é irmã da crueldade. Ainda hoje o povo lembra em voz baixa em que parte do castelo acontecia a tortura, por qual corredor ali se chegava, com que adulação Lucida levava o amante ao pavimento que estava por se abrir e como o convidava a permanecer naquele ponto, enquanto ela aproximava-se do gracioso enfeite que era acionado com um riso de escárnio abafado. Aliás, conta-se que, enquanto o enamorado esperava, Lucida era tomada por uma lufada de alegria desumana que a tornava mais bela do que nunca e o jovem, precipitando em direção às lâminas reluzentes, ao invés de gritar horrorizado, continuava a fitá-la embevecido.

No inverno, a grande lareira do quarto de Lucida inflamava todas as sedas, lançando na alcova feixes de raios vermelhos; no verão, enquanto no campo as cigarras enlouqueciam, Lucida ondulava sobre sua nudez as longas franjas de um leque e, a cada movimento, a respiração estiva era vencida por um sopro de primavera.

Depois de ter ouvido o último gemido, Lucida retirava-se então para sua alcova e, deitada à vontade, enquanto lá embaixo, ainda quente e já sem respirar, o belo jovem sorria com os braços abertos, ela revivia aquelas últimas horas, seguia atentamente a sucessão dos fatos e até sentia uma pontada de ternura materna, inesperada e bruscamente afastada e, fluindo o tempo, ultimado aquele prazer, enfim serena e desperta, chamava as criadas para cuidar da sua pessoa.

Mas, de resto, o alçapão raramente se abriu e somente para aqueles que, pobres e indefesos, haviam ousado fazer-lhe bater o coração.

Passaram-se anos e continuou insuperável o fascínio de Lucida Mansi; pela planície de Lucca já dizia-se que sua beleza havia vencido o tempo.

Mas em uma avançada tarde de verão, a noite prestes a preparar as lâmpadas, Lucida horrorizou-se com uma repentina descoberta: uma ruga, um sulco partia do ângulo externo da órbita, prolongando-se em direção à têmpora; aterrorizada, febrilmente, sem chamar o criado, acendeu os candelabros e, tendo aproximado espelho e rosto às chamas, quase queimando-se, olhou, olhou novamente, e ouviu o primeiro estridente grasnido da velhice; então, tomada por uma fúria minuciosa, observando-se por todos os lados, com olhos bem diferentes daqueles do passado, outras falhas descobriu; e apareceu-lhe a imagem fatal do futuro.

Durante toda a noite, presa de uma fantasia impiedosa, ouviu as risadas joviais das rivais até então táticas, escutou os elogios debochados sobre aquela que foi outrora a beleza de Lucida; agudo lhe chegou o grito selvagem das mães libertadas do pesadelo; enfileirados, passaram os homens, agora juízes equilibrados, todos com lábios irônicos pela comparação com a última mocinha encontrada; viu os criados da casa, os únicos que restaram, rirem atrás das portas e gargalharem na cozinha com os artifícios da patroa; e, de novo, de novo ressoou o trilar crepitante das alegres rivais; passaram fileiras de mocinhas, um ramalhete de flores apertado junto ao peito, mais frescas do que as flores.

Na manhã seguinte, com a majestosa autoridade intacta, deu ordens para que ninguém a visitasse.

Encerrada, serpente enroscada em si mesma, a cada segundo menos amorosos os espelhos, tomada por todo o tipo de reflexão, passaram-se trinta dias.

E em uma mesma tarde quente e avançada, no mesmo momento em que um mês antes havia descoberto o primeiro sinal infame, surgiu-lhe ao lado um belíssimo jovem que a olhava sem pronunciar palavra.

Tinha os olhos muito negros e luzídios pela dança de uma luz alegre que neles se refletia, a testa larga e de dimensão tão equilibrada que, ao contemplá-la, dava ao mesmo tempo uma sensação de pureza e de mal-estar, o oval do rosto era de uma delicadeza feminina, a boca voluptuosa e ávida não escondia o riso maligno e sardônico, as narinas do pequeno nariz estavam a ponto de fremir, encaracolados cabelos de um esplendor corvino acrescentavam uma moldura perfeita àquele rosto tão belo.

Estava vestido de veludo violeta e, embora não levasse consigo o sabre dourado, lembrava certos cavaleiros da República Vêneta em dia de grande cerimônia.

Lucida, nua, voltada para ele, apenas moveu o espelho para proteger a sombra mais pudica, nem se perturbou e, esquecida de seu desespero, sem

perguntar-se de que maneira aquele jovem havia surgido em seu quarto e porque lhe sorria como se a conhecesse há muito tempo, continuou a olhá-lo.

Naqueles momentos à beleza do rosto de Lucida somou-se, foi a única vez, a luz suave da piedade, era uma mulher humana e indefesa, pronta a servir de joguete do amor; continuava a olhar aquele jovem sem pronunciar palavra, pronta a aceitar tudo o que viesse dele, até as ofensas e as crueldades.

Ele disse: "Lucida, há vinte anos acompanho teus passos."

A voz que pronunciou estas palavras soou como um límpido e profundo acorde de uma harpa tocada por mão feminina, parecia ser o espelho da paisagem que se via além da varanda, com as plantas douradas pelo pôr-do-sol.

O jovem repetiu: " Lucida, há vinte anos acompanho teus passos; te amo desde quando, ainda menina, naquele dia bajulavas tua irmã para que te fizesse o retrato e soltaste os cabelos e te inflamaste em cada fração de ti mesma."

Continuou: "Sou o demônio, Lucida. Está na hora de casarmos. Vivi os teus crimes voluptuosos, não há pranto de mãe que eu não tenha ouvido, nem desesperada ira de noiva que não tenha acompanhado a cada passo, afetuosamente contemplei a profunda preocupação das irmãs. És o amor mais bonito que tenho neste século, há vinte anos que te amo, cada pensamento teu soa dentro de mim como um violino apaixonado. Não há um só momento destes teus últimos trinta dias que eu não tenha acompanhado: estão para consumir-se as nossas núpcias."

Lucida, nua, inflamando-se a cada sílaba, embora com os membros enregelados, o rosto ainda enfeitiçado com o rosto do jovem, esquecida do extremo pudor, distraidamente moveu o espelho da virilha em direção ao rosto.

"Deves casar comigo, Lucida, ou o espelho que te está próximo será teu inimigo."

E com aquela alegria que não é dos humanos, mas deles se nutre, continuou sobre aquela pobre carne: "Vim, Lucida, para te salvar, me darás tua alma e por trinta anos serás ainda a mais bela, até as mocinhas perderão o viço diante de ti. A tua corte resplandecerá como nunca, aquelas risadas que já ecoam aos teus ouvidos, aqueles olhares desafiantes que justamente imaginaste, vão se converter em súplicas lacrimosas; aquilo que fervia nos sonhos de tua adolescência e que só em parte viveste, vai se cumprir; serás igual a uma Vitória que voa com as vestes que a modelam. E, por tudo isso, deves dar-me somente a alma. Deves dizer somente: sim."

Lucida, os membros frios, olhando perdidamente o belíssimo jovem, suspirou o sopro do "sim". Imediatamente o diabo desapareceu. Imediatamente cada fibra de Lucida comparou-se à primavera. Ardentes, os espelhos assistiram ao renascimento. Banhada pelo resplandecente encantamento, Lucida levantou-se da alcova, disposta a executar cada pensamento que seu íntimo ordenava, triunfadora prisioneira de negras correntes, cada ato acompanhado por um eco consciente.

E assim por trinta anos.

É inútil contar os amores e os crimes, inútil porque as histórias tornam-se lentas quando só há o recitar de uma lista.

Não existe pecado que não se deva apresentar ao julgamento de Deus. Trinta anos são um mísero instante. Os pecados eternos batem infinitamente o martelo do tempo.

Em uma mesma tarde, no mesmo instante, trinta anos depois, surgiu o belíssimo jovem, que sorridente disse:

"Aqui estou, Lucida, vim, és minha, minha mulher. Repudiaste a ternura, a misericórdia, a piedade, vendeste o ouro dos sentimentos e pertences ao demônio, completamente, figura do meu estandarte. Vim te buscar, Lucida, soou a hora, me dá a mão."

Subitamente, em grossos vermes transformaram-se os belíssimos membros, subitamente foi como se já há trinta anos ela estivesse em poder da morte; o espelho não mais suspenso pela mão, curvou-se ela no úmido bafio, e em um estrondo que foi ouvido por toda a planície de Lucca, Lucida afundou no inferno.

Com aquele ruído assustador, guiados pela fumaça e pelo enxofre, os familiares correram aos aposentos de Lucida e, quando chegaram ao quarto dos espelhos, viram a alcova substituída por um antro profundíssimo. Desorientados, depois das exclamações, suspeitando secretamente da verdade, logo concordaram em propagar a notícia o mínimo possível e ordenaram à criadagem que tapasse logo aquele horrível negror. Esta pôs mãos à obra mas, com as primeiras sombras da noite, tudo aquilo que fora construído ruiu, e assim aconteceu no dia seguinte e nos outros que seguiram, e quanto mais eram amontoadas pedras e cal, ao anoitecer mais desabavam. (Ainda hoje o sopro do inferno sobe naquele quarto, sempre fechado, da vila Mansi).

Os familiares, aterrorizados pela verdade, prevendo o futuro, tentaram então fazer desaparecer qualquer recordação de Lucida, destruíram tudo aquilo que podia ser seu documento e também a data de nascimento e, já que não puderam destruir toda a página dos batismos daquele dia (30 de julho de 1603), com tinta rasuraram todo o espaço reservado ao registro do ato.

Mas não atingiram seu intento, porque Lucida não morreu.

Nas noites propícias, quando a lua está apagada e o céu, talvez e contudo desejoso, Lucida em uma carruagem de fogo, guiada pelo belíssimo jovem, percorre o caminho dos muros de Lucca e aqueles, especialmente os jovens, que têm a desventura de encontrá-la são por ela enfeitiçados; quem, através dos séculos, a viu e tenta descrever os detalhes de sua beleza, repete que os olhos assemelham-se ao retrato da irmã, para o sorriso inebriante e fulgurante, não encontram palavras, e igualmente indescritível é aquela cor levemente âmbar da pele, e todos dizem que Lucida tem na mão o espelho e somente uma deusa poderia ser tão bela. Ao aproximar-se o alvorecer, deixando uma coluna de fumaça, a carruagem

submerge no laguinho do jardim botânico, junto à parte interna dos muros, do lado ocidental.

Durante o dia, quem se debruça nas margens do pequeno lago e contempla com atenção amorosa, subitamente vê Lucida que sorri para si mesma, deitada na alcova do seu quarto de 1600.

O Telefonema de Natal

Autor: Alberto Bevilacqua

Tradução: *Silvia Catarina Rossi*¹

Orientação: *Profª Susana Termignoni*

Eu. Interessado que sou em mulheres, naquela véspera de Natal estava só.

A minha profissão? Escrevo histórias, especialmente sobre personagens femininos e reais, que sempre me oferecem novas surpresas. Tenho como clientes editores, produtores cinematográficos e teatrais, diretores de jornais. Alguns me pedem: “Uma história que me faça ficar de boca aberta.” E eu escavo no subsolo espetacular do Planeta-Mulher. Outros, ao invés: “Quero uma história que me divirta”. E eu procuro na extravagância feminina. Outros ainda: “Quero que você me faça chorar. Lembra daqueles choros sentidos de uma vez, que se faziam quem sabe até no escuro de um cinema, e que hoje não se fazem mais? Ah, a Garbo!” E eu procuro, entre os sentimentos frustrados, as solidões das minhas queridas amigas.

Quem faz o meu trabalho tem um pouco de cão de trufa. Para encontrar a trufa de qualidade — seja ela de Alba, amarelo ouro com raia branca, símbolo de otimismo, ou de Norcia, verrugosa e escura — é preciso um olfato excepcional. Quando perco meu olfato e minha cabeça está vazia, penduro na porta o metafórico cartaz: “Fechado para férias mentais”. Nos dias que antecederam a véspera de Natal, eu tinha pendurado o cartaz. São casos em que minha angústia mental se projeta em um caos extremo. O caos, como um bumerangue, aumenta a angústia. Vivo só, desde que minha mulher se foi. Ninguém me ajuda a romper o círculo vicioso. Acabo afundando na desordem.

Tinha distribuído presentes de Natal às minhas amigas fornecedoras de histórias. A cada uma um presente diferente, de acordo com o seu caráter. Mas eu não tinha recebido nenhum presente. Por outro lado, era justo: os seus presentes já me haviam sido concedidos. Espantava-me, contudo, que todas tivessem desaparecido de Roma: uma aqui, outra ali, em férias. Eu tinha telefonado, esperando passar o Natal pelo menos na companhia de uma delas. Mas a minha esperança frustrara-se. Estranho: pela primeira vez a idéia de passar o Natal sozinho deixava-me triste e lastimava o presente de Natal que não tinha recebido.

Aproximava-se a hora da janta e o telefone tocou. Era uma voz de mulher: “Você não me conhece.” Falou isso com graça. Em geral as desconhecidas são arrogantes. Como se a culpa de serem desconhecidas fosse minha. De qualquer

¹ Aluna do Curso de Bacharelado em Letras – Português/ Italiano, graduada em 1995.